

69. Nós acreditamos que as pessoas morrem muito no hospital

Alarcídio Figueiredo Narciso

Bom dia, eu sou Alarcídio Figueiredo Narciso, sou Galibi-Marworno, sou mestrando em Antropologia na Universidade Federal do Pará e tenho 43 anos. Sou pai de família, tenho dois casais de filhos, resido na Aldeia Kumarumã, na Terra Indígena Uaçá. Nós, Galibi-Marworno, tivemos contato com o coronavírus no município de Oiapoque, quando fomos buscar nossos mantimentos, nós estávamos em isolamento, mas tínhamos que ir, não tinha jeito. A comunidade inteira foi contaminada, a Aldeia Kumarumã ficou deserta, não tinha ninguém na rua, três pessoas morreram: meu tio, minha tia e a outra foi a dona Edna.

Essa doença é muito terrível, ela dá tosse, febre, dores no corpo, falta de ar e diarreia, a pessoa tem que ter muita resistência para não ir à óbito. Eu tive muita resistência e Deus me salvou, mas eu passei muito mal, tive oito dias de febre. O coronavírus vai atacando os ossos, parece que vai moendo os ossos da pessoa, a boca fica amarga, a urina fica amarelada, a dor de cabeça é muito forte, a pessoa não pega gosto nenhum de comida, tem falta de apetite, falta de força e de vontade, a pessoa só quer deitar, fica muito fraca.

Nós tomamos boldo, jambu com alho, com limão e mel, fizemos chá de caferana para minimizar a doença, fizemos chás com raiz de chicória e outras plantas. Uns três dias eu passei sem comer nada, era só mingau com farinha. É uma doença que, de um dia para o outro, ela vai acabando com você, ela é muito cruel! É lamentável, é muito triste isso que o coronavírus faz. Nós acreditamos que as pessoas morrem muito no hospital, eles te jogam lá dentro e já era, porque aqui, de acordo com a nossa cultura, nosso contexto, nós tomamos um chá, um leite, um mingau de farinha, tomamos banho de folhas do mato, tudo isso para minimizar os sintomas e acredito que ajudou muito!

Essa doença não brinca com ninguém não, tem que se cuidar o mais rápido possível, e é por isso que os idosos não têm muita resistência, principalmente os diabéticos e hipertensos, porque a energia deles já está fraca, e quando o coronavírus vem, ataca e derruba. Por isso a pessoa tem que estar preparada com remédios e com uma boa resistência. O vírus também não gosta de frio, nós descobrimos isso aqui na aldeia, eu passei quase um

mês esquentando água para poder tomar banho. Eu não aguentava tomar banho na água normal porque eu ficava com muito frio, por isso os chás que a pessoa consumir e os banhos que ela for tomar, tudo tem que ser com água morna. O coronavírus é uma doença muito cruel, ela é forte, ela é tensa, é uma coisa muito triste.

Aldeia Kumarunã, Oiapoque, Amapá, Brasil

23 de julho de 2020

Texto recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza